



PLANO DE CURSO

1- Ementa:

A disciplina elenca conteúdos que visam atender as propostas de conteúdo e desenvolvimento de capacidades propostas pelo Processo Seletivo Seriado 2011 da UFPB.

2- Objetivo Geral:

Dentro das novas concepções de ensino de Literatura, busca-se o aprimoramento do estudante como ser humano, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de uma postura ética, do pensamento crítico e da autonomia intelectual, permitindo refletir sobre questões teóricas, estéticas, políticas, sociais e pessoais.

2.1- Objetivos específicos:

- (1) desenvolver a capacidade de identificar as especificidades de textos literários e de reconhecer características dos gêneros lírico, narrativo e dramático, a partir da leitura de obras;
- (2) ampliar competência de reconhecer, em textos de autores representativos da literatura nacional, características dos estilos de época dos séculos XVI a XIX;
- (3) estimular a leitura de textos e desenvolver a capacidade de reconhecimento do processo da hibridização de gêneros, ou a estruturado inter-gêneros.

3 - Metodologia:

- aulas expositivas e discursivas;
- aplicação de exercícios;
- leitura e discussão de textos.

4 - Recursos: utilização do quadro negro, de aparelhos áudio-visuais e textos.

5 - Avaliação: Discussões em sala de aula, assim como aplicação de exercícios e simulados. Embora o curso não tenha como objetivo uma avaliação em termos quantitativos, é interessante a utilização de uma avaliação continuada e em termos qualitativos, para que alunos e professor tomem consciência de quais são os aspectos que precisam ser melhor desenvolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

6- Conteúdos:

Diálogos entre a universidade e as comunidades populares – Apoio:
MEC/SECAD/UFPB/PRAC

PSS1

Texto literário – linguagem; formas de expressão (verso e prosa) e gêneros literários (lírico, narrativo e dramático)

- Gênero lírico – poemas de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes e Sérgio de Castro Pinto e outros.
- Gênero Narrativo:
 - Crônica de viagem (Séc. XVI), crônicas modernas: Carlos Eduardo Novaes, Ferreira Gullar, Inácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo, Millôr Fernandes, Moacyr Scliar e outros.
 - Contos: textos de Rubem Braga, Érico Veríssimo e João Antônio e outros.

PSS2

A Literatura Brasileira – Séc XVI–XIX

- Gênero Lírico – Poemas de Gregório de Matos, Antônio Gonzaga, Olavo Bilac, Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos e outros.
- Gênero Narrativo:
 - Romance romântico, realista e naturalista – José de Alencar, Aluísio Azevedo e outros.
 - Conto: textos de Machado de Assis e outros.
- Gênero Dramático: o teatro de Artur Azevedo e outros.

PSS1

1. Figuras de Linguagem

Questões:

1. (Oswaldo Cruz – SP) Observe a oração: “O tique-taque do relógio nos perturbava.” Qual é a figura de linguagem presente na expressão?

2. (Oswaldo Cruz – SP) “Sois anjo que me tenta, e não me guarda.” Temos aqui a seguinte figura de linguagem, típica do Barroco:

- a) antítese;
- b) pleonismo;
- c) elipse;
- d) hipérbole;
- e) onomatopéia.

3. (UM – SP) Texto para a questão 3:

“Vozes veladas, veludosas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vias, vulcanizadas.” **(Cruz e Souza)**

4. No texto de Cruz e Souza temos exemplo de:

- a) paralelismo;
- b) versos brancos;



- c) eufemismo;
- d) aliteração;
- e) hipérbole.

5. (São Marcos – SP) Na frase “Ao pobre não lhe devo nada”, encontramos um caso de:

- a) anacoluto;
- b) pleonasma;
- c) elipse;
- d) zeugma;
- e) solecismo.

6. (UM – SP) “Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela.” No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:

- a) metáfora;
- b) catacrese;
- c) antonomásia;
- d) metonímia;
- e) sinédoque.

7. (FNU – SP) Nos dois primeiros versos: “O vento voa a noite toda se atordoa.”

Aparece a mesma figura:

- a) metáfora;
- b) metonímia;
- c) hipérbole;
- d) personificação;
- e) antítese.

8. (FMU – SP) Com relação ao texto da questão anterior, na consoante que se repete, você vê:

- a) aliteração;
- b) assonância;
- c) eco;
- d) rima;
- e) onomatopéia.

9. (PUC – SP) Nos trechos: “O pavão é um arco-íris de plumas” e “... de tudo que suscita e esplende e estremece e delira...”, enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:

- a) metáfora e polissíndeto;
- b) comparação e repetição;
- c) metonímia e aliteração;
- d) hipérbole e anacoluto;
- e) anáfora e metáfora.

10. Classifique as figuras de linguagem:

- a) “... quando via-lhes os olhos negros, negros como as plumas noturnas da graúna.”
- b) “Palmeiras se abraçam fortemente suspiram dão gemidos soltam ais”

- c) O rei do baião era famoso internacionalmente.

11. No trecho: “Falo a língua dos loucos, porque não conheço a mórbida coerência dos lúcidos.” (Luís Fernando Veríssimo), ocorre a seguinte figura de linguagem:

- a) metáfora;
- b) metonímia;
- c) antítese;
- d) hipérbole;
- e) gradação.

Textos para análise:

Brigitte Bardot

A saudade é um trem de metrô
Subterrâneo, obscuro, escuro
Claro, é um trem de metrô
A saudade é prego-parafuso
Quanto mais aperta
Tanto mais difícil arrancar
A saudade é um filme sem cor
Que o meu coração
Quer ver colorido

A saudade é um trem de metrô
Subterrâneo, obscuro, escuro
Claro, é um trem de metrô
A saudade é prego-parafuso
Quanto mais aperta
Tanto mais difícil arrancar
A saudade é um filme sem cor
Que o meu coração quer ver colorido

A saudade é uma colcha velha
Que cobriu um dia
Numa noite fria
O nosso amor em brasa
A saudade é Brigitte Bardot
Acenando com a mão
Num filme muito antigo

A saudade é uma colcha velha
Que cobriu um dia
Numa noite fria
O nosso amor em brasa
A saudade é brigitte bardot
Acenando com a mão
Num filme muito antigo
A saudade é Brigitte Bardot
Acenando com a mão
Num filme muito antigo. (Zeca Baleiro)

Quase Nada

De você
Sei quase nada
Pra onde vai



Ou porque veio
Nem mesmo sei
Qual é a arte da tua estrada
Do meu caminho
Será um atalho
Ou um desvio
Um rio raso
Um passo em falso
Um prato fundo
Pra toda fome que há no mundo

Noite alta que revele
Um passeio pela pele
Dia claro, madrugada
De nós dois, não sei mais nada

De você
Sei quase nada
Pra onde vai
Ou porque veio
Nem mesmo sei
Qual é a parte da tua estrada
Do meu caminho
Será um atalho
Ou um desvio
Um rio raso
Um passo em falso
Um prato fundo
Pra toda fome que há no mundo

Se tudo passa,
Como se explica
O amor que fica nessa parada?
Amor que chega sem dar aviso
Não é preciso saber mais nada

De você sei
Quase nada
De você
Sei quase nada
Quase nada
Quase nada... (**Zeca Baleiro**)

2. Linguagem literária e não-literária

Textos para análise:

Fotossíntese – Da ação da luz sobre os vegetais verdes depende o mais importante de todos os fenômenos vitais, a fotossíntese, à qual estão direta ou indiretamente escravizados todos os seres vivos.

Exteriormente, a fotossíntese se manifesta pela troca de gases entre o vegetal e a atmosfera: o vegetal absorve CO₂ e elimina oxigênio. Duas condições são necessárias para que o fenômeno se

realize: uma é a presença de *clorofila*; outra a presença de *luz*.

O papel da clorofila consiste em absorver uma parte das radiações solares, cuja energia é então aproveitada para reações químicas no interior da planta. Nessa função, as radiações vermelhas são as mais eficazes, vindo depois o alaranjado, o amarelo, e, na outra extremidade do espectro, o violeta. Na faixa correspondente ao verde, o fenômeno é quase nulo.

O mais importante, porém, é que, graças à energia solar absorvida, a planta verde decompõe o CO₂ em seus elementos (carbono e oxigênio), devolve o oxigênio à atmosfera, e, unindo o carbono aos materiais da seiva, *fabrica substância orgânica*. Esta síntese, efetuada sob a ação da luz, é que justifica a denominação de fotossíntese dada ao fenômeno.

(A. Almeida Jr., *Biologia Educacional*, São Paulo. Cia Editora Nacional. 1965. pág. 201)

Luz do Sol

Luz do sol,
Que a folha traga e traduz
Em verde novo, em folha, em graça,
Em vida, em força e em luz.
Céu azul,
Que vem até onde os pés tocam a terra
E a terra expira e exala os seus azuis.

Reza, reza o rio,
Córrego pro rio,
O rio pro mar.
Reza a correnteza
Roça a beira,
Doura a areia.

Marcha o homem sobre o chão,
Leva no coração uma ferida acesa.
Dono do sim o do não
Diante da visão da infinita beleza
Finda por ferir com a mão essa delicadeza,
A coisa mais querida:
A glória da vida.
(Caetano Veloso, “Luz do Sol”. In: *Meu bem, meu mal*. LP Fontana 826162-1. 1985. L.2, f.1.)

Tragédia Brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.
Conheceu Maria Elvira na Lapa, - prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.



Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavrado, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Apelo

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda casa era corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero na salada – o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

(Dalton Trevisan)

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Diálogos entre a universidade e as comunidades populares – Apoio:
MEC/SECAD/UFPB/PRAC

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(Manuel Bandeira)

Poema do jornal

O fato ainda não acabou de acontecer
e já a mão nervosa do repórter
o transforma em notícia.

O marido está matando a mulher.

A mulher ensangüentada grita.

Ladrões arrombam o cofre.

A polícia dissolve o meeting.

A pena escreve.

Vem da sala de linotipos a doce música mecânica.

(Carlos Drummond de Andrade)

3. Diferenças entre verso e prosa

Textos para análise:

Introspecção

Nuvens lentas passavam

Quando eu olhei o céu.

Eu senti na minha alma a dor do céu

Que nunca poderá ser calmo.

Quando eu olhei a árvore perdida

Não vi ninhos nem pássaros.

Eu senti na minha alma a dor da árvore

Esgalhada e sozinha

Sem pássaros cantando nos seus ninhos.

Quando eu olhei minha alma

Vi a treva.

Eu senti no céu e na árvore perdida

A dor da treva que vive na minha alma. **(Vinícius de Moraes)**

“Vozes veladas, veludosas vozes,
volúpias dos violões, vozes veladas,
vagam nos velhos vórtices vorazes
dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas...” **(Cruz e Sousa)**

Pequena tragédia brasileira

A Bem-Amada queria devorar o coração do Poeta.

- Não – disse ele -, só terás um pedacinho...

porque noventa por cento pertence aos Editores.

(Mário Quintana)

Sobre o amor



Houve uma época em que eu pensava que as pessoas deviam ter um gatilho na garganta: quando pronunciasse — *eu te amo* —, mentindo, o gatilho disparava e elas explodiam. Era uma defesa intolerante contra os levianos e que refletia sem dúvida uma enorme insegurança de seu inventor. Insegurança e inexperiência. Com o passar dos anos a idéia foi abandonada, a vida revelou-me sua complexidade, suas nuances. Aprendi que não é tão fácil dizer *eu te amo* sem pelo menos achar que ama e, quando a pessoa mente, a outra percebe, e se não percebe é porque não quer perceber, isto é: quer acreditar na mentira. Claro, tem gente que quer ouvir essa expressão mesmo sabendo que é mentira. O mentiroso, nesses casos, não merece punição alguma.

Por aí já se vê como esse negócio de amor é complicado e de contornos imprecisos. Pode-se dizer, no entanto, que o amor é um sentimento radical — falo do amor-paixão — e é isso que aumenta a complicação. Como pode uma coisa ambígua e duvidosa ganhar a fúria das tempestades? Mas essa é a natureza do amor, comparável à do vento: fluido e arrasador. É como o vento, também às vezes doce, brando, claro, bailando alegre em torno de seu oculto núcleo de fogo.

O amor é, portanto, na sua origem, liberação e aventura. Por definição, anti-burguês. O próprio da vida burguesa não é o amor, é o casamento, que é o amor institucionalizado, disciplinado, integrado na sociedade. O casamento é um contrato: duas pessoas se conhecem, se gostam, se sentem a traídas uma pela outra e decidem viver juntas. Isso poderia ser uma coisa simples, mas não é, pois há que se inserir na ordem social, definir direitos e deveres perante os homens e até perante Deus. Carimbado e abençoado, o novo casal inicia sua vida entre beijos e sorrisos. E risos e risinhos dos maledicentes. Por maior que tenha sido a paixão inicial, o impulso que os levou à pretoria ou ao altar (ou a ambos), a simples assinatura do contrato já muda tudo. Com o casamento o amor sai do marginalismo, da atmosfera romântica que o envolvia, para entrar nos trilhos da institucionalidade. Torna-se grave. Agora é construir um lar, gerar filhos, criá-los, educá-los até que, adultos, abandonem a casa para fazer sua própria vida. Ou seja: se corre tudo bem, corre tudo mal. Mas, não radicalizemos: há exceções — e dessas exceções vive a nossa irrenunciável esperança.

Conheci uma mulher que costumava dizer: não há amor que resista ao tanque de lavar (ou à máquina, mesmo), ao espanador e ao bife com fritas. Ela possivelmente exagerava, mas com razão, porque tinha uns olhos ávidos e brilhantes e um coração ansioso. Ouvia o vento rumorejar nas árvores do parque, à tarde incendiando as nuvens e imaginava quanta vida, quanta aventura estaria se desenrolando naquele momento nos bares, nos cafés, nos bairros distantes. À sua volta certamente não acontecia nada: as pessoas em suas respectivas casas estavam apenas morando, sofrendo uma vida igual à sua. Essa inquietação bovariana prepara o caminho da aventura, que nem sempre acontece. Mas dificilmente deixa de acontecer. Pode não acontecer a aventura sonhada, o amor louco, o sonho que arrebatava e funda o paraíso na terra. Acontece o vulgar adultério — o assim chamado —, que é quase sempre decepcionante, condenado, amargo e que se transforma numa espécie de vingança contra a mediocridade da vida. É como uma droga que se toma para curar a ansiedade e reajustar-se ao *status quo*. Estou curada, ela então se diz — e volta ao bife com fritas.

Mas às vezes não é assim. Às vezes o sonho vem, baixa das nuvens em fogo e pouso aos teus pés um candelabro cintilante. Dura uma tarde? Uma semana? Um mês? Pode durar um ano, dois até, desde que as dificuldades sejam de proporção suficiente para manter vivo o desafio e não tão duras que acovardem os amantes. Para isso, o fundamental é saber que tudo vai acabar. O verdadeiro amor é suicida. O amor, para atingir a ignição máxima, a entrega total, deve estar condenado: a consciência da precariedade da relação possibilita mergulhar nela de corpo e alma, vivê-la enquanto morre e morrer-la enquanto vive, como numa desvairada montanha-russa, até que, de repente, acaba. E é necessário que acabe como começou, de golpe, cortado rente na carne, entre soluços, querendo e não querendo que acabe, pois *o espírito humano não comporta tanta realidade*, como falou um poeta maior. E enxugados os olhos, aberta a janela, lá estão as mesmas nuvens rolando lentas e sem barulho pelo céu deserto de anjos. O alívio se confunde com o vazio, e você agora prefere morrer.

A barra é pesada. Quem conheceu o delírio dificilmente se habitua à antiga banalidade. Foi Gogol, no *Inspetor Geral* quem captou a decepção desse despertar. O falso inspetor mergulhara na fascinante impostura que lhe possibilitou uma



vida de sonho: homenagens, bajulações, dinheiro e até o amor da mulher e da filha do prefeito. Eis senão quando chega o criado, trazendo-lhe o chapéu e o capote ordinário, signos da sua vida real, e lhe diz que está na hora de ir-se pois o verdadeiro inspetor está para chegar. Ele se assusta: mas então está tUdo acabado? Não era verdade o sonho? E assim é: a mais delirante paixão, terminada, deixa esse sabor de impostura na boca, como se a felicidade não pudesse ser verdade. E no entanto o foi, e tanto que é impossível continuar vivendo agora, sem ela, normalmente. Ou, como diz Chico Buarque: sofrendo normalmente.

Evaporado o fantasma, reaparece em sua banal realidade o guardaroupa, a cômoda, a camisa usada na cadeira, os chinelos. E tUdo impregnado da ausência do sonho, que é agora uma agulha escondida em cada objeto, e te fere, inesperadamente, quando abres a gaveta, o livro. E te fere não porque ali esteja o sonho ainda, mas exatamente porque já não está: esteve. Sais para o trabalho, que é preciso esquecer, afundar no dia-a-dia, na rotina do dia, tolerar o passar das horas, a conversa burra, o cafezinho, as notícias do jornal. Edifícios, ruas, avenidas, lojas, cinema, aeroportos, ônibus, carrocinhas de sorvete: o mundo é um incomensurável amontoado de inutilidades. E de repente o táxi que te leva por uma rua onde a memória do sonho paira como um perfume. Que fazer? Desviar-se dessas ruas, ocultar os objetos ou, pelo contrário, expor-se a tudo, sofrer tudo de uma vez e habituar-se? Mais dia menos dia toda a lembrança se apaga e te surpreendes gargalhando, a vida vibrando outra vez, nova, na garganta, sem culpa nem desculpa. E chegas a pensar: quantas manhãs como esta perdi burramente! O amor é uma doença como outra qualquer.

E é verdade. Uma doença ou pelo menos uma anormalidade. Como pode acontecer que, subitamente, num mundo cheio de pessoas, alguém meta na cabeça que só existe fulano ou fulana, que é impossível viver sem essa pessoa? E reparando bem, tirando o rosto que era lindo, o corpo não era lá essas coisas... Na cama era regular, mas no papo um saco, e mentia, dizia tolices, e pensar que quase morro!...

Isso dizes agora, comendo um bife com fritas diante do espetáculo vespertal dos cúmulos e nimbo. Em paz com a vida. Ou não.

FerreiraGullar

O texto acima foi extraído do livro “A estranha vida banal”, editora José Olympio – 1989, e consta da antologia “As 100 melhores crônicas brasileiras”, Editora Objetiva, pág. 279 – Rio de Janeiro – 2005, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Teresa

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

(Manuel Bandeira)

Questões:

(UFPB) Para responder às questões de **1 a 4**, leia o **TEXTOS I** a seguir:

Três Idades

A vez primeira que te vi,
Era eu menino e tu menina.
Sorrias tanto... Havia em ti
Graça de instinto, airosa e fina.
Eras pequena, eras franzina...
Ao ver-te, a rir numa gaivota,
Meu coração entristeceu.
Por quê? Relembro, nota a nota,
Essa ária como enterneceu
O meu olhar cheio do teu.
Quando te vi segunda vez,
Já eras moça, e com que encanto
A adolescência em ti se fez!
Flor em botão... Sorrias tanto...
E o teu sorriso foi meu pranto...
Já eras moça... Eu, um menino...
Como contar-te o que passei?
Seguiste alegre o teu destino...
Em pobres versos te chorei.
Teu caro nome abençoei.

Vejo-te agora. Oito anos faz,
Oito anos faz que não te via...
Quanta mudança o tempo traz
Em tua atroz monotonia!
Que é do teu riso de alegria?
Foi bem cruel o teu desgosto.



Essa tristeza é que mo diz...
Ele marcou sobre o teu rosto
A imperecível cicatriz:
És triste até quando sorris...
Porém teu vulto conservou
A mesma graça ingênua e fina...
A desventura te afeiçoou
À tua imagem de menina.
E estás delgada, estás franzina...
(BANDEIRA, Manuel. **Os melhores poemas.**
Seleção de Francisco de Assis Barbosa. 12 ed. São
Paulo: Global, 1998, p.36-37).

3. Considerando a visão que o eu lírico, em três momentos distintos, tivera da sua amada, identifique com V a(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e com F, a(s) falsa(s):

- () na infância, o eu lírico deslumbra-se com a figura da amada, ressaltando, entre outros atributos, a alegria do seu sorriso, que, no entanto, o deixara tão triste;
() na adolescência, o eu lírico encanta-se com o desabrochar da amada, vista por ele como “*flor em botão*”;
() na fase adulta, o deslumbramento do eu lírico transforma-se em surpresa ao observar, na amada, apenas as suas mudanças físicas;
() na fase adulta, o eu lírico observa que a amada resgata aquela mesma alegria da infância.
A sequência correta é:
a) VVFF b) VFV F c) VFF V d) FVV F e) VFVV

2. De acordo com a 4ª estrofe, pode-se afirmar:

- I. A amada não correspondia ao amor do eu lírico, seguindo, com satisfação, um outro caminho.
II. O obstáculo para a correspondência amorosa entre a amada e o eu lírico era apenas a diferença de idade entre eles.
III. O eu lírico reconhecia-se um poeta menor, motivo pelo qual a amada o abandonara, seguindo seu destino.

Está(□o) correta(s) apenas:

- a) II b) I c) III d) I e II e) II e III**

3. Leia o fragmento poético:

“*Flor em botão... Sorrias tanto ...
E o teu sorriso foi meu pranto...*” (versos 14 -15)
Nesses versos, o eu lírico:

- a)** confessa seu envolvimento com a adolescente, ainda que ela se mostrasse indiferente;
b) revela que se apaixonou pela adolescente apenas por ela ser tão jovem;
c) registra a oposição entre o seu estado de espírito e o da amada;

- d)** lamenta não ter desfrutado o amor da amada por ela ser ainda uma adolescente;
e) ressentido do sorriso da amada, que desdenhava do seu sentimento.

4. Nos versos a seguir, verifica-se o uso de figuras de linguagem cuja classificação está INCORRETA em:

- a)** “*O meu olhar cheio do teu.*” (2ª estrofe) — **Hipérbole**
b) “*Flor em botão.... Sorrias tanto....*” (3ª estrofe) — **Metáfora**
c) “*Ao ver-te, a rir numa gaivota,/ Meu coração entristeceu.*”(2ª estrofe) — **Antítese**
d) “*E o teu sorriso foi meu pranto.*” (3ª estrofe) — **Ironia**
e) “*Teu caro nome abençoei.*” (4ª estrofe) — **Hipérbato**

3. Literatura Informativa e Jesuítica

Questões:

1. Quanto às manifestações literárias brasileiras aparecidas durante o período colonial:

- a)** refletiam a grandeza da Literatura Portuguesa da época;
b) não havia obras escritas, existiam, pois, como manifestação oral;
c) eram incipientes, apesar de escritas, pois a metrópole não incentivava este tipo de produção;
d) o expressivo número de escritores que apareceram ombreiam-se com os maiores vultos da literatura universal;
e) representa o esplendor das tendências literárias do medievalismo português.

2. A “literatura jesuítica”, nos primórdios de nossa história:

- a)** tem grande valor informativo;
b) marca nossa maturação clássica;
c) visava à catequese do índio, à instrução ao colono e a sua assistência religiosa e moral;
d) estava a serviço do poder real;
e) tem fortes doses nacionalistas.

3. Bernal Diaz Del Castilho, fiel seguidor de Fernão Cortez (um dos mais violentos conquistadores que a Espanha enviou à América), escreveu certa vez que os espanhóis chegaram à América para “Servi a Deus e a sua majestade e também por haver riquezas.” Comente a afirmação de Bernal de Castilho, relacionado-a com o momento histórico vivido pela Europa.



4. (FUVEST – SP) Entende-se por literatura informativa no Brasil:

- a) o conjunto de relatos de viajantes e missionários europeus, sobre a natureza e o homem brasileiro;
- b) a história dos jesuítas que aqui estiveram no século XVI;
- c) as obras escritas com a finalidade de catequese do indígena;
- d) os poemas de Padre José de Anchieta;
- e) os sonetos de Gregório de Matos.

5. A respeito da “Carta” de Caminha, podemos afirmar:

- a) não há preocupação com a conquista material;
- b) a única preocupação era a catequese dos índios;
- c) é representativa do pensamento contra-reformista;
- d) apresenta tanto preocupação material quanto espiritual;
- e) não cita, em momento algum, os nativos brasileiros.

6. Pode-se dizer que a carta de Pero Vaz de Caminha é uma espécie de “certidão de nascimento” do Brasil porque:

- a) descreve as situações dos colonos portugueses que viviam no Brasil;
- b) constitui a melhor fonte de informação do século XVI sobre os hábitos e costumes dos índios que aqui viviam;
- c) é o primeiro texto escrito especificamente sobre a terra brasileira e seus habitantes;
- d) descreve cientificamente a flora e a forma da terra brasileira, além de explicar a organização social dos indígenas.

Texto para as questões de 7 a 9:

O capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, com uma alcatifa aos pés, por estrado, e bem vestido com um colar de ouro muito grande ao pescoço. E Sancho de Tovar e Simão de Miranda e Nicolau Coelho e Aires Correia e nós outros que aqui vamos, com ele, na nau, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas e entraram; e não fizeram nenhuma menção de cortesia nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Mas um deles viu o colar do Capitão e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como a dizer-nos que havia ouro em terra, e também viu um castiçal de prata e da mesma forma acenava para terra e para o castiçal como que havia, também, prata. Mostraram-lhe um papagaio pardo que o Capitão aqui traz; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como que os havia ali; mostraram-lhe um carneiro

e não fizeram caso dele; mostraram-lhe uma galinha e quase tiveram medo dela e não lhe queriam pôr a mão; e depois a pegaram como que espantados. Deram-lhe, então, de comer pão e peixe cozido, confeitos fartéis, mel e figos secos. Não quiseram comer daquilo, quase nada; e alguma coisa, se a provavam, lançavam-na logo fora. Trouxeram-lhe vinho por taça; puseram um pouco na boca e não gostaram nada dele, nem o quiseram mais. Trouxeram-lhe água por uma alharrada; tomaram dela um pouco e não beberam. Somente lavaram a boca e a lançaram fora.

(CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El-Rei D. Manuel**. Apud **Cronistas e Viajantes**. Literatura Comentada. São Paulo: Abril, p. 14.)

7. (ACAFE –SC) Como se apresentava o capitão quando os índios subiram a bordo?

8. (ACAFE – SC) Como os portugueses entenderam a reação do indígena diante do colar de ouro do capitão e do castiçal de prata?

9. (ACAFE – SC) Assinale a alternativa correta com relação ao texto:

- a) os portugueses não entenderam o gesto do indígena;
- b) observa-se o interesse do colonizador pelas riquezas da terra;
- c) tudo indicava que os índios desconheciam a existência do ouro e da prata;
- d) os índios pretendiam conseguir ouro com os portugueses;
- e) n.d.a.

Textos para análise:

Saudades do Brasil em Portugal

Vinicius de Moraes

Composição: Vinicius de Moraes / Homem Cristo

O sal das minhas lágrimas de amor

Criou o mar que existe entre nós dois

Para nos unir e separar

Pudesse eu te dizer

A dor que dói dentro de mim

Que mói meu coração nesta paixão

Que não tem fim

Ausência tão cruel

Saudade tão fatal

Saudades do Brasil em Portugal

Meu bem, sempre que ouvires um lamento

Crescer desolador na voz do vento

Sou eu em solidão pensando em ti

Chorando todo o tempo que perdi

Hino nacional

Precisamos descobrir o Brasil!



Escondido atrás as florestas,
com a água dos rios no meio,
o Brasil está dormindo, coitado.
Precisamos colonizar o Brasil.

O que faremos importando francesas
muito louras, de pele macia,
alemãs gordas, russas nostálgicas para
garçonetes dos restaurantes noturnos.
E virão sírias fidelíssimas.
Não convém desprezar as japonesas...

Precisamos educar o Brasil.
Compraremos professores e livros,
assimilaremos finas culturas,
abriremos dancings e subvencionaremos as elites.

Cada brasileiro terá sua casa
com fogão e aquecedor elétricos, piscina,
salão para conferências científicas.
E cuidaremos do Estado Técnico.

Precisamos louvar o Brasil.
Não é só um país sem igual.
Nossas revoluções são bem maiores
do que quaisquer outras; nossos erros também.
E nossas virtudes? A terra das sublimes paixões...
os Amazonas inenarráveis... os incríveis João-
Pessoas...

Precisamos adorar o Brasil!
Se bem que seja difícil compreender o que querem
esses homens,
por que motivo eles se ajuntaram e qual a razão
de seus sofrimentos.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!
Tão majestoso, tão sem limites, tão
despropositado,
ele quer repousar de nossos terríveis carinhos.
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o
Brasil.
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os
brasileiros?

Eduardo Alves da Costa

Quanto a mim, sonharei com Portugal

Às vezes, quando
estou triste e há silêncio
nos corredores e nas veias,
vem-me um desejo de voltar
a Portugal. Nunca lá estive,
é certo, como também

é certo meu coração, em dias tais,
ser um deserto.
(Carlos Drummond de Andrade)

PSS2

1. Barroco

Texto para análise:

“Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empecado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afectado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também esta. O estilo há-de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear: Exiit, qui seminat, seminare. Compara Cristo o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte: na música tudo se faz por compasso, na arquitectura tudo se faz por regra, na aritmética tudo se faz por conta, na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte, caia onde cair. Vede como semeava o nosso lavrador do Evangelho. “Caía o trigo nos espinhos e nascia”: Aliud cecidit inter spinas, et simul exortae spinae. “Caía o trigo nas pedras e nascia”: Aliud cecidit super petram, et ortum. “Caía o trigo na terra boa e nascia”: Aliud cecidit in terram bonam, et natum. Ia o trigo caindo e ia nascendo. Assim há-de ser o pregar. Hão-de cair as coisas e hão-de nascer; tão naturais que vão caindo, tão próprias que venham nascendo. Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escritura, como quem vem ao martírio; uns vêm acarretados, outros vêm arrastados, outros vêm estirados, outros vêm torcidos, outros vêm despedaçados; só atados não vêm! Há tal tirania? Então no meio disto, que bem levantado está aquilo! Não está a coisa no levantar, está no cair: Cecidit. Notai uma alegoria própria da nossa língua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de três nasceu; para o sermão vir nascendo, há-de ter três modos de cair: há-de cair com queda, há-de cair com cadência, há-de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas, porque hão-de vir bem trazidas e em seu lugar; hão-de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não hão de ser escabrosas nem dissonantes; hão-de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há-de ser tão natural e tão desaffecteda que pareça caso e não estudo: Cecidit, cecidit, cecidit. Já que falo contra os estilos modernos, quero alegar por mim o estilo do mais antigo pregador que houve no Mundo. E



qual foi ele? – O mais antigo pregador que houve no Mundo foi o céu. Coeli enarrant gloriam Dei et opera manuum ejus annuntiat Firmamentum – diz David. Suposto que o céu é pregador, deve de ter sermões e deve de ter: palavras. Sim, tem, diz o mesmo David; tem palavras e tem sermões; e mais, muito bem ouvidos. Non sunt loquellae, nec sermones, quorum non audiantur voces eorum. E quais são estes sermões e estas palavras do céu? – As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas: Stellae manentes in ordine suo. Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há-de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas e muito claras, e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender os que sabem. O rústico acha documentos nas estrelas para sua lavoura e o mareante para sua navegação e o matemático para as suas observações e para os seus juízos. De maneira que o rústico e o mareante, que não sabem ler nem escrever, entendem as estrelas; e o matemático, que tem lido quantos escreveram, não alcança a entender quanto nelas há. Tal pode ser o sermão: – estrelas que todos vêem, e muito poucos as medem.”

Sermão da Sexagésima, de Padre Antônio Vieira

Fonte: Sermões Escolhidos. v.2, São Paulo: Edameris, 1965.

Questões:

1. “Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te,
Te lembra hoje Deus por tua igreja;
De pó te fez espelho, em que se veja
A vil matéria, de que quis formar-te.”

Conforme sugere o exceto, o poeta barroco não raro expressa:

- a) medo de ser infeliz; uma intensa angústia em face da vida, a que não consegue dar sentido; a desilusão diante da falência de valores terrenos e divinos;
- b) a consciência de que o mundo terreno é efêmero e vão; o sentimento de nulidade diante do poder divino;
- c) a percepção de que não há saídas para o homem; a certeza de que o aguardam o inferno e a desgraça espiritual
- d) a necessidade de ser piedoso e caritativo, paralela à vontade de fruir até as últimas conseqüências o lado material da vida;
- e) a revolta contra os aspectos fatais que os deuses imprimem a seu destino e à vida na terra.

2. Aponte a alternativa correta sobre o Sermão da Sexagésima:

- a) o autor desenvolve dialeticamente a seguinte tese: “A semente é a palavra de Deus”;
- b) o estilo é barroco e privilegia a corrente conceptista de composição;
- c) o orador discute no sermão cinco causas possíveis que não permitiriam a entrada da palavra de Deus no coração dos homens;
- d) Vieira baseia-se em parábolas bíblicas, e sua linguagem se vale de estruturas retóricas clássicas;
- e) pela sua capacidade de argumentação, Vieira consegue, neste sermão, convencer os indígenas a se converterem.

3. Com relação a Gregório de Matos, podemos afirmar que:

- a) sua obra foi reconhecida, no próprio século XII, como o ponto mais alto da poesia no Brasil;
- b) escreveu apenas poesias satíricas, razão pela qual ficou conhecido pelo apelido de “Boca do Inferno”;
- c) criticou duramente a sociedade baiana de seu tempo, poupando apenas as autoridades portuguesas;
- d) além de sátiras, escreveu também poesias amorosas e religiosas, mas não chegou a publicar nem um livro em vida.

4. Todas as afirmativas estão corretas, exceto:

- a) o Barroco está muito ligado ao movimento religioso católico da Contra-Reforma;
- b) o sentimento angustiante da brevidade da vida humana foi um dos temas principais do período barroco;
- c) o gosto pelo jogo de palavras e pelas sutilezas do raciocínio é uma das características do estilo Barroco;



d) a expressão de uma visão de mundo materialista e apoiada apenas na razão é um traço marcante da literatura barroca.

5. Assinale as afirmativas incorretas:

- a) Vieira preocupou-se com o conteúdo e com a linguagem e o estilo dos sermões que pregava;
- b) Vieira destacou-se como um dos principais oradores do século XVI;
- c) os sermões constituem a parte mais importante da obra do padre Vieira que se destacou também como autor de poesias religiosas;
- d) Vieira preocupou-se com os poucos efeitos da pregação religiosa e não poupou críticas aos padres de sua época.

6. “Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se não de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar.”

(Padre Antônio Vieira)

Este trecho do *Sermão da Sexagésima*, de autoria do Padre Antônio Vieira, aponta as partes que compõem o discurso argumentativo e ilustra o Barroco, em seu estilo conceptista. Em que consiste este estilo? Exemplifique-nos com o texto acima.

2. Arcadismo

Texto para análise:

“Os grandes do país, com gesto humilde,
Lhe fazem, mal o encontram, seu cortejo;
Ele austero os recebe, só se digna
Afrouxar do toutiço a mola um nada,
Ou pôr nas abas do chapéu os dedos.
Caminha atrás do chefe um tal Robério,
Que entre os criados tem respeito de aio:
Estatura pequena, largo o rosto,
Delgadas pernas e pançudo ventre,
Sobejo de ombros, de pescoço falto;
Tem de pisorga as cores, e conserva
As bufantes bochechas sempre inchadas.
Bem que já velho seja, inda presume
De ser aos olhos das madamas grato.
E o demo lhe encaixou que tinha pernas
Capazes de montar no bom ginete

Que rincha no Parnaso. Pobre tonto!
Quem te mete em camisas de onze varas?
Tu só podes cantar, em coxos versos
E ao som da má rabeca, com que atroas
Os feitos do teu amo e os seus despachos.

Ao lado de Robério, vem Matúcio,
Que respira do chefe o modo e o gesto.
É peralta rapaz de tesas gâmbias,
Tem cabelo castanho e brancas faces,
130 -- Tem um ar de *mylord* e a todos trata
Como a inúteis bichinhos; só conversa
Com o rico rendeiro, ou quem lhe conta
Das moças do país as frescas praças.
Dos bolsos da casaca dependura
135 -- As pontas perfumadas dos lencinhos,
Que é sinal, ou caráter, que distingue
Aos serventes das casas dos mais homens,
Assim como as famílias se conhecem
Por herdados brasões de antigas armas.

Montado em nédia mula vem um padre
Que tem de capelão as justas honras.
Formou-se em Salamanca, é homem sábio.
Já do mistério do Pilar, um dia,
Um sermão recitou, que foi um pasmo.
Labregão no feitio e meio idoso,
Tem olhos encovados, barba tesa,
Fechadas sobranceiras, rosto fusco,
Cangalhas no nariz. Ah! quem dissera
Que num corpo, que tem de nabo a forma,
Haviam pôr os céus tão grande caco!

O resto da família é todo o mesmo,
Escuso de pintá-lo. Tu bem sabes
Um rifão que nos diz que dos domingos
Se tiram muito bem os dias santos.
Ah! pobre Chile, que desgraça esperas!
Quanto melhor te fora se sentisses
As pragas, que no Egito se choraram,
Do que veres que sobe ao teu governo
Carrancudo casquilho, a quem rodeiam
Os néscios, os marotos e os peraltas!”

(Tomás Antônio Gonzaga, *Cartas Chilenas*)

Questões:

1. Pode-se afirmar que *Marília de Dirceu* e as *Cartas Chilenas* são, respectivamente:

- a) altas expressões do lirismo amoroso e da sátira política, na literatura do século XVII;
- b) exemplos da poesia biográfica e da literatura epistolar cultivadas no século XVII;
- c) exemplos do lirismo amoroso e da poesia de combate, cultivados, sobretudo, pelos poetas românticos da chamada “terceira geração”;



d) altas expressões do lirismo e da sátira da nossa poesia barroca;
e) expressões menores da prosa e da poesia do nosso Arcadismo, cultivadas no interior das academias.

2. Há no Arcadismo brasileiro uma obra satírica de forma epistolar que suscitou dúvidas de autoria durante mais de um século. Assinale abaixo a alternativa que apresente o nome correto dessa obra e seu autor mais provável:

- a) *O reino da estupidez*, Francisco de Melo Franco;
- b) *Viola de Lereno*, Domingos Caldas Barbosa;
- c) *O deserto*, Manuel Inácio da Silva Alvarenga;
- d) *Cartas chilenas*, Tomás Antônio Gonzaga;
- e) *Os Bruzundangas*, Lima Barreto.

3. Analise as proposições abaixo:

I. “O momento ideológico na literatura do Setecentos traduz a crítica da burguesia culta aos abusos da nobreza e do clero.”

II. “O momento poético, na literatura do Setecentos, nasce de um encontro, embora ainda amaneirado, com a natureza e os afetos comuns do homem”.

III. “Façamos, sim, façamos, doce amada,

Os nossos breves dias mais ditosos” A característica que está presente nesses versos é o *carpe diem* (gozar a vida).

- a) só a proposição I é correta;
- b) só a proposição II é correta;
- c) só a proposição III é correta;
- d) são corretas as proposições I e II;
- e) todas as proposições são corretas.

3. Romantismo

Questões:

1. (FIUBE – MG) Na poesia lírico-amorosa de Castro Alves, observa-se:

- a) uma posição platônica em relação ao amor, sobre o qual versifica em linguagem racional e contida;
- b) a idealização da mulher, cantada constantemente como objeto inacessível ao poeta;
- c) a preocupação de ocultar, por meio de excesso de figuras de linguagem, os mais recônditos desejos do poeta;
- d) uma renovação em relação à de seus antecessores, pela expressão ousada;
- e) a mesma timidez revelada nos devaneios líricos dos poetas da geração byroniana.

2. Aponte duas características da poesia de Castro Alves que se distanciam das

características dos demais poetas românticos, notadamente Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu.

3. (FEI – SP) “A poesia deixa de ser apenas um lamento sentimental murmurado em voz baixa para ser também um grito de protesto político ou reivindicação social”. O fragmento acima se refere a dois momentos da poesia romântica brasileira que podem ser definidos, respectivamente, como:

- a) primeira geração romântica – segunda geração romântica;
- b) ultra-romantismo – poesia social;
- c) indianismo – poesia social;
- d) geração byronista – indianismo;
- e) geração condoreira – geração “mal-do-século”.

4. (FUVEST – SP)

I. Pálida, à luz da lâmpada sombria

Sobre o leito de flores reclinada

Como a lua por noite embalsamada

Entre as nuvens do amor, ela dormia!

II. Uma noite, eu me lembro... Ela dormia

Numa rede encostada molemente...

Quase aberto o roupão... solto o cabelo

E o pé descalço no tapete rente

Os dois textos apresentam diferentes concepções da figura da mulher. Aponte nos dois textos situações que revelem essas diferentes concepções. Se ambos os textos são românticos, como explicar a diferença no tratamento do tema?

5. (UFRS) Considere as afirmações sobre o Romantismo no Brasil:

I. A primeira geração de poetas românticos no Brasil caracterizou-se pela ênfase no sentimento nacionalista, tematizando o índio, a natureza e o amor à pátria.

II. Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela, representantes da segunda geração da poesia romântica expressam, sobretudo, um forte intimismo.

III. A poesia de Castro Alves, cronologicamente inserida na terceira geração romântica, apresenta importantes ligações com a estética barroca, pela religiosidade e pelo tom místico dos poemas.

Quais estão corretas?

- a) apenas I;
- b) apenas II;
- c) apenas I e II;
- d) apenas II e III;
- e) I, II e III.



6. (UFPE) Casimiro de Abreu é um poeta romântico e Cacaso é um poeta contemporâneo. “E com vocês a Modernidade”, de Cacaso, remete-nos ao poema “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu. Leia, com atenção, os dois textos abaixo transcritos e, aproximando seus elementos comuns e distinguindo os elementos divergentes, explique como o poema contemporâneo dialoga com a tradição romântica.

“Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais”

(Casimiro de Abreu)

“Meu verso é profundamente romântico
Choram cavaquinhos luars se derrama e vai
Por aí a longa sombra de rumores e ciganos
Ai que saudade que tenho de meus negros verdes
anos.”

(Casaco, Poema de Beijo na Boca)

7. (VUNESP) A obra “O Guarani”, de José de Alencar, apresenta como característica principal:

- a) o nacionalismo romântico expresso na figura do índio;
- b) a linguagem simples dos indígenas brasileiros;
- c) a crítica à destruição da cultura indígena;
- d) a crítica ao primitivismo indígena;
- e) a exposição dos problemas dos indígenas brasileiros.

8. (FAAP – SP) Dentre os movimentos da literatura brasileira, o Romantismo apresenta-se como o período literário em que os escritores tomam consciência de sua terra e procuram expressá-la em prosa e verso. Cite três tipos de romance que foram produzidos nessa época.

9. (PUC – SP) “Iracema”, juntamente com “O Guarani” e “Ubirajara”, constituem a trilogia dos romances indianistas de José de Alencar. Na poesia, Gonçalves Dias também exaltou o índio em textos como “Y-Juca Pirama”, “Leito de folhas verdes”, “Marabá”, “O canto do Piaga”, além do poema épico “Os timbiras”.

Pergunta-se: o que representou o indianismo na literatura romântica brasileira?

4. Realismo

Texto para as questões de 1 a 13:

Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa nesse mundo?

- Deixe-me, senhora.

- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça, que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com sua vida e deixe a dos outros.

- Mas você é orgulhosa.

- Decerto que sou.

- Mas por quê?

- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites da nossa ama, quem os cose senão eu?

- Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

- Você fura o pano, nada mais: eu que coso, prendo um pedacinho ao outro, dou feição aos babados...

- Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

- Também os batedores vão adiante do imperador.

- Você é imperador?

- Não digo isso. A verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

- Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela,



silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não dava resposta, calou-se também e foi andando. Era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bel dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui, ou dali, alisando, abotoando, acolcheteando a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

- Ora, agora diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas, um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: - Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e é ela que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: - Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

(Machado de Assis)

Questões:

1. Qual é o significado da palavra apólogo?

- a) história infantil;
- b) história dos mitos gregos;
- c) verdade oral em forma de fábula;
- d) exaltação de uma verdade;
- e) discurso justificatório.

2. Qual relação podemos estabelecer entre o título e o conto?

- a) não há relação aparente entre o texto narrado e seu título;
- b) a narração acima é uma fábula, portanto seu título nos anuncia qual é o tipo de discurso utilizado pelo autor para construção do texto;
- c) a partir da compreensão adequada do título, podemos antever qual será o desfecho da história;
- d) sem a compreensão do título não é possível entender o sentido moralizante contido no texto;
- e) apólogo é uma das personagens do texto.

3. A partir da leitura do texto entendemos que:

- a) linha, a agulha e o alfinete são personagens reais da sociedade da época em que viveu o autor;
- b) a linha e a agulha são solidárias entre si e menosprezam o alfinete;
- c) a costureira trata a agulha com especial cuidado, pois ela é a grande responsável pelo ato da costura;
- d) o mais importante no trabalho é a igualdade entre todos, não havendo diferença entre os membros de uma equipe;
- e) a linha desfruta de uma condição privilegiada, pois tem todos os caminhos abertos pela agulha e ainda participa das festas e bailes, levando o mérito do coser.

4. O que podemos entender por: “Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária”?

- a) que o professor de melancolia vem abrindo caminho para outras pessoas que passam a ser privilegiadas por esta situação;
- b) que o professor de melancolia vem costurando muito;
- c) que as costureiras vêm se aproveitando da condição melancólica do professor;
- d) que estamos, todos nós, sujeitos, a servir de instrumento para os outros;
- e) que na vida uns são agulha outros são linha.

5. O tema do conto acima versa sobre:

- a) o amor;
- b) a igualdade;
- c) a diferença;
- d) o trabalho;
- e) a costura.

6. Em “... não se ouvia mais que o *plic-plic-plic* da agulha no pano”, a expressão em destaque constitui:

- a) uma hipérbole;
- a) uma prosopopéia;
- b) um neologismo;
- c) uma onomatopéia;
- d) uma composição.

7. Nos apólogos e fábulas, como em todo processo metafórico, estabelece-se uma relação entre dois planos de significado: o significado de base ou usual e o significado acrescentado ou figurado.

- a) Qual é o significado usual de agulha e linha?
- b) Cite algumas pistas do diálogo inicial que nos obrigam a conceber a agulha e a linha como seres humanos.



c) Assim como há pistas que nos levam a conceber a linha e a agulha como seres humanos, há também outras que nos levam a concebê-las no seu sentido próprio. É esse argumento de dois planos de sentido que confere ao texto o seu caráter metafórico e nos faz classificá-lo como um apólogo ou fábula. Transcreva algumas passagens em que a agulha e linha ocorrem no seu sentido próprio.

8. No caso do texto acima, a agulha e a linha são tratadas como seres humanos, mas conservam também a dimensão de significado próprio de agulha e linha. Se, em vez de agulha e linha, o narrador usasse dois personagens humanos, o texto não teria a mesma expressividade. Qual é então a expressividade que se obtém usando agulha e linha em sentido metafórico?

9. No último parágrafo, ocorre a seguinte passagem: *Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária.*

- a) A quem essa frase é atribuída?
- b) Que traços comuns existem entre a agulha e o professor de melancolia?
- c) Nessa mesma citação, a linha é uma metáfora que remete a que tipo de pessoa?

10. As relações entre a agulha e a linha, no contexto, são apropriadas também à costureira e à baronesa. Nessa relação quais são os dois pares correlatos?

11. A relação que se estabelece entre os batedores e o imperador é do mesmo tipo que a que se estabelece entre a agulha e a linha; entre a costureira e a baronesa. Explique por quê.

12. No texto há uma passagem que diz: *Uma e outra iam andando orgulhosas (...)entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética.*

Considerando que galgo é uma raça de cães, famosos pela rapidez e velocidade, e que Diana é uma deusa entre os antigos romanos, procure responder:

- a) que traços o narrador associa aos dedos da costureira ao compará-los com os galgos de Diana?
- b) esse recurso envolve o mecanismo próprio de que figura de linguagem?

13. A leitura global do texto permite afirmar que:

- a) o narrador, no percurso do texto, trata com mais simpatia a linha do que a agulha;
- b) segundo o texto, é falsa a rivalidade entre a linha e a agulha;
- c) linha e agulha, segundo o texto, desempenham funções igualmente importantes;
- d) a linha e a agulha são figuras que representam o mesmo tipo de pessoas: aquelas que não gostam do que fazem;
- e) o apólogo figurativiza o tema da falta de equidade na distribuição das recompensas.

5. Parnasianismo

Textos para análise:

Um Beijo

Foste o beijo melhor da minha vida,
Ou talvez o pior...Glória e tormento,
Contigo à luz subi do firmamento,
Contigo fui pela infernal descida!

Morreste, e o meu desejo não te olvida:
Queimas-me o sangue, enches-me o pensamento,
E do teu gosto amargo me alimento,
E rolo-te na boca malferida.

Beijo extremo, meu prêmio e meu castigo,
Batismo e extrema-unção, naquele instante
Por que, feliz, eu não morri contigo?

Sinto-te o ardor, e o crepitar te escuto,
Beijo divino! e anseio, delirante,
Na perpétua saudade de um minuto...

(Olavo Bilac)

Palavras

As palavras do amor expiram como os versos,
Com que adoço a amargura e embalo o
pensamento:
Vagos clarões, vapor de perfumes dispersos,
Vidas que não têm vida, existências que invento;

Esplendor cedo morto, ânsia breve, universos
De pó, que o sopro espalha ao torvelim do vento,
Raios de sol, no oceano entre as águas imersos
-As palavras da fé vivem num só momento...

Mas as palavras más, as do ódio e do despeito,
O "não!" que desengana, o "nunca!" que alucina,
E as do aleive, em baldões, e as da mofa, em
risadas,

Abrasam-nos o ouvido e entram-nos pelo peito:
Ficam no coração, numa inércia assassina,
Imóveis e imortais, como pedras geladas. **(Olavo Bilac)**



Ora (direis) ouvir estrelas!

XIII

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto ...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."
(**Olavo Bilac**)

Fogo-fátuo

Cabelos brancos! dai-me, enfim, a calma
A esta tortura de homem e de artista:
Desdém pelo que encerra a minha palma,
E ambição pelo mais que não exista;

Esta febre, que o espírito me encalma
E logo me enregela; esta conquista
De idéias, ao nascer, morrendo na alma,
De mundos, ao raiar, murchando à vista:

Esta melancolia sem remédio,
Saudade sem razão, louca esperança
Ardendo em choros e findando em tédio;

Esta ansiedade absurda, esta corrida
Para fugir o que o meu sonho alcança,
Para querer o que não há na vida!
(**Olavo Bilac**)

Musa Impassível

I

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero
Luto jamais te afeie o cândido semblante!
Diante de um Jó, conserva o mesmo orgulho; e
diante
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño
austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílico descante.
Celebra ora um fantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistíquio d'ouro, a imagem atrativa;
A rima, cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármore partidos.

II

Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao lábio e as lágrimas estanca!
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,
Por esse grande espaço onde o impassível mora.

Leva-me longe, ó Musa impassível e branca!
Longe, acima do mundo, imensidade em fora,
Onde, chamas lançando ao cortejo da aurora,
O áureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me de vez, numa ascensão ardente,
À deliciosa paz dos Olímpicos-Lares
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo
Passarem, através das brumas seculares,
Os Poetas e os Heróis do grande mundo antigo.
(**Francisca Júlia**)

6. Simbolismo

Textos para análise:

Flor do Mar

És da origem do mar, vens do secreto,
do estranho mar espumoso e frio
que põe rede de sonhos ao navio
e o deixa balouçar, na vaga, inquieto.
Possuis do mar o deslumbrante afeto,
as dormências nervosas e o sombrio
e torvo aspecto aterrador, bravio
das ondas no atroz e proceloso aspecto.
Num fundo ideal de púrpuras e rosas
surges das águas mucilaginosas
como a lua entre a névoa dos espaços...
Trazes na carne o florescer das vinhas,
auroras, virgens músicas marinhas,
acres aromas de algas e sargaços...

(**Cruz e Souza**)

Acrobata da Dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
como um palhaço, que desengonçado,
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta.



Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
agita os guizos, e convulsionado
salta, gavroche, salta clown, varado
pelo estertor dessa agonia lenta ...

Pedem-se bis e um bis não se despreza!
Vamos! retesa os músculos, retesa
nessas macabras piroetas d'aço. . .

E embora caias sobre o chão, fremente,
afogado em teu sangue estuoso e quente,
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

(Cruz e Souza)

7. Pré-Modernismo

Textos para análise:

Debaixo do Tamarindo

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora Brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!

(Augusto dos Anjos)

Psicologia de um Vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme - este operário das ruínas -
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e a vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

(Augusto dos Anjos)

Versos Íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta pantera -
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

(Augusto dos Anjos)